

Janelas para uma intimidade

O jogo da repetição na memória

FaBIAnE SANTOS

“A obra de arte é uma mensagem fundamental ambígua, uma pluralidade de significados que coexistem num único significante.(...)Esta ambigüidade torna-se hoje um fim explícito da obra, um valor a realizar de preferência a qualquer outro...”

(Umberto Eco, 1962)

Sustentar o insustentável, vendo além do que se pode do que se deve ver. A percepção e a sensibilidade são as janelas para o mundo que possibilitam a troca permeável entre o que está no interior e o que nos rodeia, essa troca faz com que passamos a receber e reconhecer estímulos para que possamos sobreviver as formas que estão latentes em nosso meio ambiente, processando assim as funções vitais de metabolismo numa troca de energia, na qual o artista re-trabalha os elementos da realidade concreta que o cerca, ele procura dar concretude ao seu imaginário, que dará vazão ao imaginário do espectador, então, entramos em uma cadeia sucessória do imaginativo, formando-se assim a imagem, recusando a temporalidade do objeto, passando-se a ser além do que realmente é.

Esse recuso a temporalidade pode ser visto no trabalho da artista leda Oliveira, onde as formas construídas a partir de elemento do cotidiano

como cadeiras, óculos, âncoras, por linha de ferro que se repetem e se cruzam tirando toda a impressão de permanência, no movimento contínuo que passamos a ver além do que realmente se mostra. A repetição das formas usada pela a artista, onde uma cadeira se repete senquencialmente faz com que percebamos uma interiorização, um mergulho em uma idéia, uma afirmação de identificação que se resgata no próprio ato insistente de repetir

“O uso repetitivo de uma imagem dentro de uma mesma obra, ou em inúmeras obras, pode ser justificada como forma de tentar dar estrutura a uma idéia. Mas essa pode ser também uma estratégia para remeter o olhar do espectador, através de gestos ritualístico, para o interior do trabalho.”

(Maria Amélia Bulhões, 2001)

No momento em que o artista se apropria de elementos já existentes ele passa a construir referência para o resgate da identificação sua e do outro. A partir de recortes de alguns elementos retirados dessa realidade e traduzidos para o plano, chega-se a uma segunda realidade, a realidade da obra, a realidade íntima do artista na sua materialidade própria. Esta induzirá a uma terceira realidade que se forma na mente daquele que se depara com a obra, buscando a sua identificação, sua maturação, sua intimidade.

Assim, o trabalho da artista Ieda Oliveira mostra essa apropriação destes elementos num resgate de sua identidade, quando ele intitula sua obra construída a partir de cadeira de ferro de crianças, “*brincadeira de Criança*”, ela remete a sua própria infância, suas lembranças e desejos. De forma que o espectador identifica-se com essa imagem, e retoma as suas lembranças, suas histórias. Pois a cadeira que Ieda Oliveira usa neste seu trabalho, tem um significado muito próprio, um reconhecimento de imagens do interior, pois são cadeiras feitas de ferro em um formato arredondado para crianças, onde são

vendidas nas portas das casas por vendedores. Toda essa imagem de alegria e satisfação que uma criança tem ao receber esta cadeira para poder brincar é apresentada no trabalho da artista, todo movimento das linhas reais e projetada mostra esse mundo imaginativo infantil, que penetra no mundo imaginativo do espectador.

“Etimologicamente, imaginação tem origem na palavra *imago*, que significa representação, imitação. A imagem é um fato mental, além de ser um fenômeno óptico”.

(Bachelard, 1995)

Toda e qualquer imagem formada, reproduz mais ou menos as sensações no sentido descritivo da formação do imaginário. Esta que parte do ponto onde cada forma que é vista nos remete a algo além do que se ver. Partindo do ponto em que o processo de construção da obra de arte tem como referência elementos do universo, passa-se então a perceber que o artista cumpre seu papel de ser ‘reprodutor’, ou seja, a partir de elementos já existente a construção do processo artístico vai se formando.

“O que nos olha no que vemos – atitude equivalente a prender ater-se ao que é visto. É acreditar – digo bem: acreditar – que todo resto não mais olharia.” (Didi-Huberman, 1998)

O que se ver realmente é um encantamento encrostado a cada momento da revelação. Ver o real sem origem nem realidade: hiper-real. A ilusão da representação na obra se dá no instante em que, o que se mostra, deixa de ser o que se vê e passa a tomar uma outra dimensão na forma e no pensamento de quem o faz e de quem o vê.

Referências Bibliográficas:

- BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso.* , São Paulo: Martins Fontes, 1990;
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulação e o Simulacro.* Relógio d'Água, 1991;
- BULHÕES, Maria Amélia. in, *Imagens da Repetição*, EDUFRGS, 2001;
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-Moderna.* São Paulo: Editora Loyola, 1993;
- COVISIERI, Enrico. *Os Pensadores – A República – Platão.* São Paulo: Ed. Nova Cultura, 1997;
- DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão.* São Paulo: Ed. Iluminuras, 1997;
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha.* São Paulo: Editora 34, 1998;
- MORAIS, Frederico. *Arte é o que eu e você chamamos arte.* Rio de Janeiro: Record, 1998.